

# luce fabbri, dante alighieri e a liberdade

*arianna fiore*

Luce Fabbri, filha do conhecido revolucionário anarquista Luigi Fabbri, nasceu em Roma, em 1908, e viveu sua juventude na Itália fascista. Em 1928, uma vez concluídos os estudos em Letras na Universidade de Bolonha, exilou-se — como fizeram seus pais — para evitar as perseguições da ditadura. Depois de uma primeira etapa na Europa, em 18 de maio de 1929, a família chegou em Montevidéu, onde foi acolhida por uma comunidade muito forte de antifascistas e libertários italianos que desde alguns anos haviam fixado residência no Uruguai.<sup>1</sup> O Uruguai era um país jovem e, em virtude de sua estabilidade política, prosperidade econômica, bem-estar e conquistas sociais, era considerado a Suíça da América. O presidente José Battle y Ordóñez tinha muitos méritos, pois durante três décadas havia elevado a renda do Estado: fora eleito com um primeiro mandato em 1903, e um segundo em 1911.

*Arianna Fiore, integrante do Departamento de Linguística da Universidade de Florença, é pesquisadora de literatura anarquista e da língua espanhola.*

## 1. A Suíça da América

O Uruguai que acolheu a família Fabbri era uma democracia moderna, que alcançara metas inesperadas em comparação com o resto do mundo, se se considerar os contemporâneos totalitarismos europeus: a jornada de trabalho de oito horas, um sistema de aposentadoria no setor público e no privado, subsídios especiais para os idosos, sobretudo para os estrangeiros que não tinham logrado cotizar anos de contribuição suficiente para a aposentadoria, as indenizações no trabalho. Podia-se considerar o ensino público como um setor muito moderno, na vanguarda. No Uruguai, esta época de estabilidade política e prosperidade durou até 1929, ano da morte de Battle y Ordóñez.

O *battlismo* “conseguiu transformar o país e permanecer no poder por indubitáveis meios democráticos, desde 1919. Battle acreditara que se podia fazer do Uruguai um ‘pequeno país modelo’ e, mesmo que se possa duvidar se o conseguiu ou não e em que grau, não se pode duvidar que imprimiu sua forte marca na sociedade uruguaia. O desenvolvimento da classe média e a formação do *welfare-state* se alimentaram mutuamente para formar e ampliar a democracia social.(...) Ao morrer, em outubro de 1929, Battle deixava um país distinto do que recebera em 1903. A Igreja e o Estado separaram-se. (...) A educação recebera um forte impulso, (...) as leis sociais melhoraram o bem-estar da população e o exército permanecia submetido ao poder civil”.<sup>2</sup>

A guerra na Europa e a adoção de leis raciais levaram aproximadamente 70 italianos de cultura israelita a Montevideu, entre os quais Rodolfo Mondolfo, professor de Luce Fabri na Faculdade de Bologna, e Renato Treves, acolhidos e auxiliados por círculos antifascistas, também

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

na busca de sua organização posterior na Argentina. Esta foi uma das últimas levas de italianos ao Uruguai: as contingências políticas e bélicas levaram a um progressivo distanciamento entre os dois países e à interrupção das relações diplomáticas entre a Itália e o Uruguai. Estas se restabeleceram apenas após o final da guerra, quando se transformou a Legacia em Embaixada (1948) e, dois anos depois, com a criação do Instituto Italiano de Cultura para intensificar as relações culturais.<sup>3</sup>

Nos anos 1940, o Uruguai soube preservar o sistema democrático, enquanto que no resto da América Latina houve muitas transformações.<sup>4</sup> No umbral dos anos 1950, o Uruguai seguia mantendo a renda *per capita* mais alta da América Latina, condição favorável que durou até o final daquela década, graças a novas medidas de legislação social em favor das classes médias e das classes populares urbanas pelos dois mandatos presidenciais de Luis Battle Berres, sobrinho de Battle y Ordóñez.<sup>5</sup>

## 2. Luce Fabbri e o ensino como missão política

No Uruguai, Luce conseguiu se dedicar completamente ao ensino, atividade que considerou muito mais que um simples trabalho, chegando a ver nele uma missão social. Luce compartilhou com o pai a fé anarquista que viveu intensamente: foi ao mesmo tempo uma intelectual de primeira linha, com interesses históricos e literários, e uma ativa militante libertária. Por essa razão, considerou seu trabalho intelectual, o ensino e as publicações científicas, como uma forma de militância política, para a qual dedicou mais de 70 anos de sua vida. Começou em 1930, dando cursos de literatura latina no Instituto

de Estudos Superiores e seguiu trabalhando, desde 1933, como professora de História nos institutos secundários e, a partir de 1949, como docente de Literatura Italiana na Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República de Montevideu. No ano seguinte, ingressou no Instituto de Professores Artigas, ministrando Literatura, História e Civilização italianas. Publicou inúmeros ensaios de filosofia política e de crítica literária e colaborou em muitas revistas como, por exemplo, *Studi Sociali*,<sup>6</sup> revista criada por seu pai Luigi Fabbri, e que Luce dirigiu até a morte deste em 1935.

O Uruguai viveu neste estado de equilíbrio e de liberdade intelectual durante muitos anos. Contudo, se a lei Orgânica de 1950 e a Reforma de 1963 ampliaram o campo da autonomia no mundo do ensino, nas décadas de 1970 e de 1980, com a imposição da ditadura, os militares entraram na esfera pública, destruíram-na pouco a pouco e aniquilaram cada forma de oposição. As consequências foram dramáticas: no mundo da educação, os professores e os estudantes saíram das salas de aulas para encher as celas das prisões ou desaparecer.<sup>7</sup> As forças armadas assumiram toda a gestão do Estado.

## 2.1 O ensino nos anos obscuros da ditadura

Prontamente, o terror se traduziu em arma de controle social: entre 1973 e 1976, cerca de 6.000 pessoas foram condenadas a penas de prisão pelos tribunais militares, 70.000 cidadãos foram encarcerados sem mandado judicial ou torturados, e uns 300.000 uruguaios (10% da população) deixaram o país. Militarizaram-se todos os aspectos da vida social e política, as indústrias, os organismos ins-

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

titucionais, as universidades e os institutos, proibiram-se os sindicatos, suprimiram-se a liberdade de imprensa, as associações culturais e as recreativas. Aos professores de institutos e universidades foi solicitada uma “declaração de fé democrática”, através da qual todos os empregados estatais asseguravam não ter tomado parte de organizações políticas declaradas ilegais. O resultado na esfera social foi dramático: o desemprego e cresceu imensamente, tanto que, entre 1970 e 1983, a população não-ativa aumentou em 50%. O forte clima repressivo e a deterioração das condições de vida foram as principais causas da emigração massiva e da conseqüente despovoação do país.<sup>8</sup>

Luce, professora universitária há 40 anos, como o fizera durante o fascismo quando era estudante universitária, negou-se a jurar fidelidade ao regime ditatorial uruguaio e preferiu deixar a universidade para alinhar-se silenciosamente aos opositores do regime. Com muita coragem, apresentou, no lugar dessa declaração, outra, na qual reafirmava seus princípios ideais e políticos. Apesar do perigo da situação, e mesmo podendo deixar o país, decidiu que desta vez era melhor ficar para enfrentar a situação. À sua maneira, Luce permaneceu no Uruguai para lutar pelo que considerava seu novo país. Muitas vezes, quando lhe perguntaram por que, depois da queda do fascismo e do final da Segunda Guerra Mundial, não tinha retornado à Itália, afirmou que já não podia se considerar uma exilada visto que, quando se apresentara uma oportunidade de voltar à sua terra natal, tinha preferido permanecer no Uruguai, onde tinha um trabalho, uma casa e onde se encontravam as raízes de sua família. “Eu fiz minha carreira aqui, comecei como professora secundária, digamos que quando cheguei à universidade não era uma exilada, já tinha incorporado a

cultura do país... eu havia chegado como exilada... Digamos que o exílio termina quando a pessoa não regressa. O fascismo caiu em 1945, e eu não regressei.”<sup>9</sup>

Luce decidiu então permanecer no Uruguai também no pior momento, nos anos de ditadura, máxima negação da liberdade humana, para continuar sua luta pessoal pela liberdade.<sup>10</sup> E, como tínhamos visto, se até 1974 pôde se considerar uma emigrante, parte integrante do país de acolhida, com os militares no poder, Luce sentiu dentro de si um desgarramento profundo que a afastava daquele Uruguai que não podia nem compreender, menos ainda aceitar. De emigrante, Luce voltou a considerar seu próprio *status* no país. O termo que escolheu foi *inexílio*, voltou a ser uma exilada, vivendo desta vez no interior de seu próprio país.

“Eu perdi o emprego em 1973, tinha dedicação total... ocupamos a universidade, houve uma greve geral que durou 15 dias, por isso que, quando dizem que não houve resistência... Quinze dias de greve em um país tão pequeno é muito tempo! Foi um movimento lindo... (...) Logo que se estabeleceu a ditadura, as aulas terminaram; nos últimos tempos, os cursos eram dados com vigilantes nas portas, escutando o que se dizia; no ano seguinte, não se abriu a universidade, ficou fechada. Eu fiz meu trabalho de pesquisa, preparava o curso do ano seguinte, passei todo o ano trabalhando assim... Agora, para entrar precisava de uma autorização, os estudantes tinham que deixar as cédulas de identidade, iam apenas para algum expediente, não para ter aulas...”<sup>11</sup>

Luce nunca deixou de ser profundamente intelectual e intimamente anarquista. Decidiu então conduzir sua luta com os meios possíveis tendo em vista as contingências

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

repressivas, os meios consentidos pela ditadura não por serem menos perigosos, senão por serem demasiado difíceis de entender, demasiado sutis de captar. Luce, aos 66 anos, deixou as barricadas de rua para subir nas da cultura, para empreender uma revolução silenciosa, mas contínua e tenaz. Conduziu sua batalha armada apenas com uma esferográfica, com a qual tratou de vencer as formas de poder, de vexações, de violência, que era obrigada a assistir ao seu redor. Entre 1974 e 1985, trabalhou no Instituto Italiano de Cultura,<sup>12</sup> oásis extraterritorial que, exatamente por essa característica, permitiu-lhe oferecer cursos de Literatura Italiana,<sup>13</sup> sobretudo Dante Alighieri.<sup>14</sup> Não obstante, depois de uma temporada, Luce preferiu continuar seus cursos em casa, colocando seus estudantes sob a proteção de sua casa.

### 3. Dante Alighieri, grande metáfora de liberdade

Já em seus primeiros anos de ensino, Luce havia analisado Dante. No Instituto de Estudos Superiores, em 1931, recém-chegada da Itália, dedicou-se a um curso sobre o helenismo em Dante. Mas foi antes de tudo, nos anos de trabalho na Universidade da República, que analisou com mais continuidade o maior poeta italiano.<sup>15</sup> Stella Mastrangelo, uma de suas alunas na Faculdade de Letras, recorda que, a partir de 1957, Luce dedicou um curso universitário a cada um dos três cânticos dantescos, ocupando-se de *A Divina Comédia* até 1960.<sup>16</sup> “Fiz um ano de Inferno, um ano de Purgatório, um ano de Paraíso no Instituto. Segui dando aulas como se estivesse na Universidade, só que em vez de ministrá-las em espanhol, tive o gosto de ministrá-las em italiano”,<sup>17</sup> recorda Luce em sua biografia. No

mágico poder da poesia de Dante Alighieri, em contraste com o horror e os desaparecimentos, Luce encontra uma pequena ilha pessoal de equilíbrio em sua literatura, e suas palavras se transformam em poderoso meio para preservar o sonho, a utopia e a fé na liberdade, como já havia feito o próprio poeta em 1300. A leitura dantesca de Luce Fabbri foi então, a partir da instauração da ditadura uruguaia, uma maravilhosa metáfora para falar de liberdade e para pedir justiça quando, em volta, só havia silêncio.

Luce Fabbri dedicou a Dante Alighieri numerosos ensaios. No final de sua carreira universitária, publicou, junto com José Pedro Díaz, uma edição crítica de *A Divina Comédia*, na qual se concentrava uma seleção de 25 cantos dantescos, em tradução espanhola. Nesse trabalho, encontram-se algumas das muitas reflexões que, ao longo de uma vida de trabalho de investigação, Luce tinha publicado e lido em seus cursos universitários. Seria impossível agora, em função do espaço limitado que dispomos, analisar de modo aprofundado todos os estudos dantescos de Luce que encaram o *sumo vate* do século XII sob distintos enfoques, literários, históricos, políticos. Focaremos então unicamente três temas que percorrem com insistente frequência seus trabalhos de crítica literária, por razões comentadas adiante. Refiro-me, em particular, ao tema do *compromisso político*, ao *desterro* e à *fé no poder intelectual*, que para Luce representam os momentos principais da personalidade e da produção poética de Dante.

“Dante é poeta tão universal, que pode acompanhar distintas vidas e os distintos momentos de uma vida. Quem se deteve a escutá-lo por um tempo, logo o leva consigo. Sendo ele mesmo um poeta desterrado, sua poesia ofereceu ao mundo um calor aconchegante aos dester-

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

rados; homem de partido, fez da paixão política um alto motivo inspirador de seu mundo fantástico, e o amor faz vibrar nele todas as suas cordas (...)”<sup>18</sup>

### 3.1 Dante e o compromisso político

A história política de Dante é conhecida na Idade Média. Em Florença, os guelfos, partidários do Papa e os gibelinos, partidários do Imperador, disputavam o poder político. Nos anos de Dante, os guelfos tinham se dividido em duas partes profundamente adversas entre si: os brancos, aos quais pertencia a família da pequena nobreza dos Alighieri, defendiam a independência municipal e estavam contra as interferências papais, e os negros, partidários do Papa, e apoiados por Carlos de Valois, enviado a Florença na qualidade de pacificador por Bonifácio VIII, principal partidários da expulsão dos guelfos brancos da cidade.<sup>19</sup>

Dante havia expressado seu próprio ideal político por meio da metáfora dos dois sóis:<sup>20</sup> graças à separação do poder religioso do civil, o Papa e o Imperador deviam chegar a uma *palingenesia*<sup>21</sup> das respectivas instituições e de toda sociedade. Dante invocava o restabelecimento do poder das instituições medievais do Império e do Papado, em recíproca colaboração, mas com uma absoluta observância de suas específicas autonomias; cada uma deveria respeitar seu próprio âmbito de competência, o mundo terreno e a salvação das almas.

Contudo, a realidade era muito diferente: a Igreja, graças à doação de Constantino ao Papa Silvestre I, havia começado a se ocupar do poder temporal e a participar dos jogos internacionais, influenciando no contexto político. Como afirma Luce, “firmemente fincado no

averroísmo político”, a condenação de Dante é violenta, posto que considerava a doação como a origem da corrupção do poder espiritual da Igreja: “*Fatto v’avete Dio d’oro e d’argento: / e che altro è da voi a l’idolatre / se non ch’egli uno e voi ne orate cento? / Ahi Costantin, di quanto mal fu matre, / non la tua conversion, ma quella dote / che da te prese il primo ricco patre*” (Inf., XIX, vv. 112-117).<sup>22</sup>

Luce, como explica no ensaio “*Dante en la poesía comprometida del siglo XIV*”, vê Dante como um poeta militante, elevando o autor de *A Divina Comédia*, obra ética por excelência, a símbolo de uma época, o século XIV, que a pensadora considera o “século da literatura militante”. Para Luce, Dante é um “homem de partido e de pensamento, que nunca quis ver nas letras um refúgio nem um descanso, menos uma evasão, e sempre se manteve em tensão para dar à sua causa o melhor de si e de sua arte”.<sup>23</sup> Dante havia tomado parte nos acontecimentos políticos de Florença como intelectual e como militante, envolvendo-se, se bem que de forma mínima, nos fatos narrados.<sup>24</sup> *A Divina Comédia*, obra de compromisso, de tom combativo e apaixonado, nasceria justamente de um impulso ético, uma extrema exigência de justiça e de amor, graças à sua militância política severa e apaixonada, ao desterro e ao afastamento das facções dos partidos, sua crise político-moral, seu conflitante desejo de glória e fé na poesia.<sup>25</sup> *A Divina Comédia* é um projeto para mudar o mundo, não para explicá-lo. Como sustenta Luce Fabbri: “Dante é essencialmente um poeta, mas seu principal motivo inspirador é o desejo ardente e austero de uma renovação interior do homem, de uma renovação exterior da sociedade, segundo um ideal de justiça, que adquire, às vezes, o tom angustiado e indignado do protesto; outras, o tom polêmico ou violento da invectiva; o tom misterioso

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

da profecia. (...) Mas também essa paixão de justiça pode ser — como o amor, com o qual em Dante tende a se confundir — motivo inspirador de poesia.”<sup>26</sup>

O “extravio” nasceria precisamente dessa orgulhosa militância política e intelectual do poeta, por um certo período, tão próximo da leitura racionalista que Averrois fizera do pensamento de Aristóteles que resvalou à heresia: o filósofo árabe falava da separação da fé e da razão e da negação da imortalidade da alma.<sup>27</sup> Mas Dante, “*nel mezzo del cammin di nostra vita*”,<sup>28</sup> escutara a Graça e se salvou, voltando a buscar proteção entre os tranquilizadores braços da ortodoxia dogmática, constituída para ele pelo aristotelismo de São Tomás.<sup>29</sup> Em *A Divina Comédia*, Dante é um herói militante, que luta contra seus inimigos: um é seu passado, o pecado que havia conhecido e amado, e que ele torna a viver na identificação mais profunda com algumas almas que encontra na viagem ultra terrena, os outros são os vícios da humanidade com os quais não compartilha.

Luce define os cantos que interessam ao primeiro tipo de pecado, “os cantos da milícia interior”. São cantos em que prevalece a poesia lírica: Francisca, Ulisses, o conde Ugolino, Farinata são almas que induzem admiração, piedade humana e não indignação. Dante, com angústia e comoção, neles vê a si mesmo. Luce Fabbri se concentra em numerosos estudos sobre a figura de Farinata de Uberti, que Dante encontra no canto X, no círculo onde se castigam os hereges. Pela metade do século XIII, Farinata foi o chefe do partido gibelino e, graças à sua liderança, os guelfos sofreram uma poderosa derrota na sangrenta batalha de Montaperti (1260). Narra-se que, depois da vitória, os gibelinos se reuniram em Empoli, falaram sobre a possível destruição de Florença como castigo e apenas a categórica

negativa de Farinata pode impedi-lo. “*Ma fu’io solo, là dove sofferto / fu per ciascun di tòrre via Fiorenza, / colui che la difesi a viso aperto.*” (Inf., X, vv. 91-93)<sup>30</sup>

Farinata compartilha a paixão política com Dante, se bem que a partir de facções opostas inimigas na Terra e se tinham infligido exílio e morte. No entanto, através de Farinata, Dante exalta a paz e não a guerra. O canto X do Inferno é um hino ao valor civil da justiça, do amor à cidade, da fraternidade na dor e no exílio. Entre Dante e Farinata, separados na vida por ódios partidários, instaura-se no mundo ultraterreno um vínculo superior às misérias humanas. E quando Farinata prediz a Dante que ele também, seu antigo inimigo, deverá empreender o caminho do exílio, usa tons sombrios e angustiados. Luce vislumbra nessa comunhão entre as duas almas, uma só alma, “ao final, se nos apresenta quase como um único ser em dois momentos, antes e depois do desterro”.<sup>31</sup> Esta confluência em um único ser é evidente também na troca de papéis que interpretam os dois protagonistas. Dante é um homem ainda vítima das fraquezas humanas e demonstra muito mais soberba e partidarismo que Farinata; este, por sua vez, superou os ódios de partido e se sente próximo a Dante por compartilhar o amor a Florença. E, apesar de tudo, mantém o rigor e a firmeza de seus próprios ideais. Dante o admira, porque nele vê a si mesmo. Como Luce sublinha, o Farinata do Inferno apresenta a mesma visão superior das coisas que teria Dante durante o exílio quando, ajudado pela Graça, afastar-se-ia dos ódios clandestinos, da paixão pelos amores terrenos e do racionalismo averroísta, razão pela qual Farinata, herético epicurista, foi destinado a queimar pela eternidade no fogo do Inferno.

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

Dante, vítima concreta da deplorável contingência histórica, com o sofrimento do exílio sabe que está do lado da justiça e tem orgulho de afirmar “*cader co’ buoni è pur degno di lode*”,<sup>32</sup> disse no verso 80 do soneto *Tre donne intorno al cor mi son venute*,<sup>33</sup> e estas palavras encerram uma épica das batalhas perdidas com orgulho, com a firmeza e a convicção de estar do lado justo, convicção que o poeta expressou também em muitas outras ocasiões.

Luce é, como Dante, uma intelectual militante e, como ele, é movida pelo compromisso, pelo orgulho em relação a suas próprias ideias defendidas em voz alta, pela segurança de não se equivocar e de mover-se impelida apenas por uma enorme exigência de liberdade. Por isso, localiza nos indiferentes do terceiro canto dantesco (“*l’anime triste di coloro che visser sanza infamia e sanza lodo*”, Inf., III, vv. 35-36),<sup>34</sup> — os quais devido a esse pecado não mereciam nem entrar no Inferno (“*a Dio spiacenti ed ai nemici sui*”, Inf., III, vv. 62-63)<sup>35</sup> —, os únicos pecadores contra os quais Dante, e Luce com ele, sente uma verdadeira indignação (o poeta chega a dizer “*che mai non fur vivi*”, Inf., III, v. 64).<sup>36</sup> Virgílio os introduz a Dante com extremo desprezo. “*Questi non hanno speranza di morte, / e la loro cieca vita è tanto bassa, / che invidiosi son d’ogni altra sorte. / Fama di loro il mondo esser non lassa; / misericordia e giustizia li sdegna: / non ragioniam di lor, ma guarda e passa.*” (Inf., III, vv. 46-51)<sup>37</sup>

Para a pensadora anarquista, que viveu o compromisso político e intelectual cotidianamente, lutando contra toda forma de opressão e sujeição, o canto III do Inferno é uma “exaltação negativa do compromisso”, e como Dante, a rechaça com firmeza.

### 3.2 Dante e o exílio

“Há quem o defina [o poema da *Divina Comédia*] ‘o poema do desterro’, desterro de Dante, expulso de Florença, desterro das almas excluídas, eterna ou temporariamente, do céu, (...) nostalgia da vida terrena nos mortos, aguda e desesperada no inferno, em progressivo aplacamento no Purgatório, absorvida por fina na suprema bem-aventurança do Paraíso.”<sup>38</sup>

O tema do exílio é dominante em *A Divina Comédia*. Dante que, no momento da redação do poema, estava no exílio, sente-se vítima de uma enorme injustiça. Quando encontra as almas das personagens a ele contemporâneas, mais ou menos implicadas nas diatribes políticas florentinas, recorre ao expediente literário da profecia para prever um futuro que o poeta conhecia muito bem, a história recente e em grande parte autobiográfica.<sup>39</sup> Como assinala Luce Fabbri em um ensaio dedicado ao recurso da profecia em Dante,<sup>40</sup> a dimensão futurível da *Comédia* encerra a mais alta esperança de “voltar a Florença para receber a coroa de poeta em seu formoso batistério de São João”.<sup>41</sup>

O florentino Ciacco, cortesão contemporâneo de Dante, castigado por sua gula (“*per la dannosa colpa de la gola*”, Inf. VI, v. 53)<sup>42</sup>, é a primeira alma condenada que prediz ao poeta o triste futuro de Florença e o exílio que ele e sua facção política virão a conhecer: “*Ed quelli a me: ‘Dopo lunga tenzone / verranno al sangue, e la parte selvaggia / caccerà l’altra con molta offensione. / Poi appresso convien che questa caggia / infra tre soli, e che l’altra sormonti / con la forza di tal che testè piaggia. / Alte terrà lungo le tempo le fronti, / tenendo l’altra sotto gravi pesi, / come che di ciò pianga e che n’adonti. / Giusti son*

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

*due, ma non vi sono intesi. / Superbia, invidia ed avarizia sono / le tre faville ch'hanno i cori accesi'.*” (Inf., VI, vv. 64-75)<sup>43</sup>

Como afirma Luce em um ensaio intitulado “*La poesía del paraíso y la metáfora de la nave*”, no qual realiza uma análise detalhada do uso que Dante faz da metáfora da nave, símbolo da razão, da inteligência humana, da aventura intelectual que o homem realiza na terra, “o desterro divide a vida de Dante em duas partes quase incomensuravelmente distintas”. Pouco mais adiante a estudiosa chega, quase involuntariamente, a uma triste e desconsolada meditação sobre o exílio, tomado não como um tema de investigação de uma professora de literatura, senão como uma experiência compartilhada por uma exilada política que vivera a mesma situação do supremo poeta. “O desterro é uma espécie de naufrágio, desses em que não se morre, mas permanece desamparado em praias desconhecidas.”<sup>44</sup> Luce não aprecia falar de si mesma, e afinal não tem intenção de fazê-lo aqui. Mas, tanto Dante quanto Luce, sabem o que significa o exílio. Luce se encontrara sem nada, vivera as dificuldades de buscar abrigo em casa de amigos em terras desconhecidas. A estudiosa entende Dante pois viveu a mesma situação. No Paraíso, Cacciaguida, antepassado de Dante e alma bem-aventurada,<sup>45</sup> lhe predirá humilhações e dor (“*Tu lascerai ogni cosa diletta / più caramente; e questo è quello strale / che l’arco dello esilio pria saetta*” Par., XVII, vv. 55-57),<sup>46</sup> como explica a estudiosa em um ensaio dedicado à poesia de Cecco Angiolieri.

“Há que observar que, para Dante, o aspecto mais trágico do exílio constituía-se nesta necessidade de depender de outros; todas as vezes que na Comédia se resvala o tema do ‘pedir’, a voz do poeta no verso parece tremer de profunda aflição. ‘*Tu proverai sì come sa di sale / lo pane altrui e come è*

*duro calle / lo scendere e salir per le altrui scale'* (Par., XVII, 58-60)<sup>47</sup>, este é o anúncio de Cacciaguida ao próprio Dante."<sup>48</sup>

Ainda que com grande sofrimento, Dante é consciente de ser uma vítima da injustiça, mas a aceita com estoicismo. *"Ed io che ascolto nel parlar divino consolarsi e dolersi così alti dispersi, l'esilio che m'è dato onor mi tegno"* (*"Tre donne intorno al cor mi son venute"*).<sup>49</sup> Luce também havia vivido uma experiência análoga e, como Dante, havia encontrado na poesia a única forma para aliviar sua angústia. *I canti dell' attesa* representa seu inferno dantesco, o inaceitável do presente, a dor, a nostalgia da terra natal, dos lugares familiares, de suas próprias raízes. Luce, curiosamente, muitos anos antes do ensaio sobre a metáfora da nave no poema de Dante, recorre à imagem do barco para falar do exílio, como na poesia *"Il ritorno"*: *"Ed ogni figlio che ti torni, Italia, / su quella nave, nella mano un fiore / avrà d'un'altra terra e sulle labbra / d'un'altra lingua la canzone d'amore."*<sup>50</sup>

Nestes versos se intui a trajetória que Luce viveu em relação ao exílio. Ela começa a se transformar e a terra de acolhida oferece flores e canções de amor, a serem levadas à terra de origem no momento do retorno. Com o decorrer dos anos, Luce passou a viver sua vida no Uruguai com intensidade sempre maior, olhando sim os acontecimentos políticos da Itália, celebrando a queda do fascismo, mas não tanto a ponto de induzi-la a abandonar o novo país. Luce criou uma ponte entre as duas realidades, o passado e o futuro, vivendo o presente, ensinando literatura italiana na América Latina, exatamente como no Purgatório dantesco, no qual se olha o futuro com uma nostalgia do passado que se sabe perdido. O Paraíso é o Uruguai, que

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

finalmente se tornou seu país, uma terra querida que de suportada passa a ser escolhida, até a chegada da ditadura.

### 3.3 Dante e a fé no poder intelectual do homem

“Não se trata de estudar Dante como filósofo, nem Dante como homem de ciência, ainda que ele tivesse sido uma e outra coisa, de acordo com seu tempo (mas com um fervor e uma sinceridade que os aproximam a nosso tempo e a qualquer tempo). Reata-se ao vê-lo em seu esforço poderoso por ser poeta de si mesmo inteiro, dando-nos, fundidos no crisol da criação, seu pensamento e sua fé, seu amor e sua angústia, sua humilde devoção e sua superior indignação, e dando-nos de si mesmo, portanto, também o pensamento e a ciência e as dúvidas inerentes a uma e a outra.”<sup>51</sup>

Ainda que no interior de *A Divina Comédia*, autobiografia exemplar de Dante, o Inferno foi o cântico que mais chamou a atenção de Luce, sendo o mais terreno e denso de ação dramática — e que a crítica unanimemente definiu como o mais humano —, não faltam estudos detalhados sobre o Purgatório e o Paraíso. Neste último cântico não há nenhuma chamada do mundo, no reino da luz falta a ação; abrem-se as portas da especulação filosófica, às vezes inclusive teológica e por isso se considera o Paraíso o cântico mais árduo. A sensação de maior complexidade conceitual é acentuada pelo caráter metafísico dos conteúdos enfrentados e pelo estilo áulico, com o qual Dante acompanhou suas palavras para se aproximar da explicação do êxtase místico da visão de Deus. Contudo, o êxtase, segundo Dante, não é um procedimento automático, mas um contínuo esforço da razão destinado a nunca chegar a compreender totalmente

o objeto do próprio pensamento senão depois da morte, com a ajuda da Graça. O homem só não é suficiente.

Luce indica que “há nesses poemas épicos da aventura intelectual um entusiasmo quase físico, que se expressa naturalmente em termos de navegação”.<sup>52</sup> Luce encara diretamente a poesia do Paraíso no citado ensaio, “*La poesía del paraíso y la metáfora de la nave*”, onde define a lírica do Paraíso como “poesia do entusiasmo intelectual”.<sup>53</sup> Não obstante, a importância da razão, a máxima expressão humana, o grau mais alto da perfeição do homem, para Dante, não é uma condição exclusiva das almas do paraíso. Aqui vemos almas gloriosas e triunfantes, próximas ao conhecimento com a ajuda da Graça que conduz até a beatitude em contemplação a Deus. No entanto, a exaltação do homem, sua sede de conhecimento e a necessidade de satisfazê-la ocorrem em outro lugar, a partir da terra, onde o homem, o animal racional, está obrigado a expressar sua mais alta demonstração de si. “Mas aqui, na vida terrena, Dante exalta o impulso para o conhecimento, que constitui a humanidade mesma do homem, e se concretiza em três formas: na experiência, na dúvida e na busca.”<sup>54</sup>

Dante, salvo pela Graça, sentia uma profunda angústia quando pensava no gênio humano não orientado para a salvação. Como assinala Luce, Dante escreveu *A Divina Comédia* para ajudar a humanidade e dar um exemplo. Correria o risco de se perder, como explica nos primeiros versos do Inferno, na “*selva escura*” onde se encontrou pois “*la retta via era smarrita*”.<sup>55</sup> Perdeu o caminho em virtude dos amores terrenos que o distraíram de Beatriz, da paixão política que atormentara Florença e, sobretudo também, do entusiasmo filosófico aristotélico, a sedução que senti-

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

ra por muitos aspectos do averroísmo, que o tinha levado a tentar a façanha do conhecimento absoluto, recorrendo apenas à força da razão, tema, segundo Luce, não suficientemente estudado pela tradição literária ocidental.

“Creio que depois de sua morte, — o predomínio católico na cultura ocidental em nos séculos que nos separam dele e que na Itália ainda persiste —, tenha minimizado o alcance do “extravio” de que se fala no princípio da *Comédia*. Sempre se rechaça com horror a hipótese de que, nesses anos de que sabemos muito pouco, o poeta tenha resvalado na heresia. Penso que não há base para excluir isso, tampouco afirmá-lo. É provável que tenha se aproximado da atitude ambígua de muitos Mestres das Artes (doutrina das dupla verdade) e do averroísmo de alguns gibelinos e guelfos branco exilados (tendência à heresia de Farinata e dos Cavalcanti). Ainda mais provável tenha sido o contato com o misticismo rebelde dos franciscanos espirituais e de sua ala extrema: os fraticelli, devido a razões políticas.”<sup>56</sup>

Após o *extravio*, Dante entendeu que o conhecimento “apenas com auxílio da Graça pode chegar a um bom termo e não na Terra, mas no Paraíso”<sup>57</sup>, sentindo dentro de si o dever moral de ensinar a humanidade a “reta via”. No entanto, Dante foi e seguia sendo um racionalista e, apesar da sua volta à ortodoxia dogmática, exaltava a força do intelecto, da racionalidade. No céu do sol, no Paraíso, ao lado de São Tomás, encontramos Sigieri de Brabante, que em Paris, no século XIII, foi o líder do averroísmo latino. Nele, o poeta exalta o tormento de quem não renuncia a pensar, ainda que dividido em dois, entre verdade de fé, aceita como cristã, e verdade da razão, pois

afastado da ortodoxia católica, o pensador foi defensor do aristotelismo radical, que o levou a enaltecer as potencialidades cognitivas da razão, ainda que perigosas (“*sillogizò insidiosi veri*”, Paraíso, X, v. 138).<sup>58</sup> Ao colocar no céu dos sábios São Tomás ao lado de Sigieri de Brabante instigamos a supor uma adesão de Dante às posições extremas do averroísmo latino, confirmando a hipótese sustentada por Luce Fabbri na citação anterior.

Contudo, o personagem que representa enormemente esta luta agônica, esta eterna tensão insatisfeita de nossa aventura racional é, sem dúvida alguma, Ulisses, uma das mais emblemáticas figuras do Inferno, que venceu seus próprios limites humanos, bem representados pelas intransponíveis colunas de Hércules. Luce aprofunda-se nesta figura, símbolo da “expressão heróica do humanismo dantesco”<sup>59</sup> e suprema representação do que ela denomina “épica do conhecimento”. Luce expressa sua imensa fascinação e retorna a Ulisses em numerosos ensaios, encontrando sempre novos aspectos inexplorados que despertam seu forte “entusiasmo intelectual”.

“A grande aventura do espírito, que culmina no êxtase, é relatada com o tom e a intensidade épica do canto infernal de Ulisses: é a aventura da razão, mais além de si mesma, que fracassa para Ulisses, prisioneiro de sua humanidade, e que triunfa em Dante, no Dante, personagem central de seu poema, que se sente acompanhado pela Graça. Mas, em um caso e no outro, trata-se da épica do conhecimento e da expressão.”<sup>60</sup>

Ulisses é a magnífica personificação desta épica do esforço cognoscivo e criador. Encontra-se entre as almas dos réprobos, não por ter o pecado da soberba intelectual,

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

pecado que ele mesmo, Dante, compartilhava, senão por ter sido um enganador, por usar mal seu intelecto, tratando de retirar proveito dele e não obter a salvação. Com o cavalo de Tróia, Ulisses derrotara uma cidade, mas seguramente não ganhou o Paraíso. Entretanto, Dante, que correria ao desconhecido, como Ulisses, mas soubera parar a tempo, retrata-nos um herói e não um pecador. Ulisses se ergue altivo, envolto por uma chama que o consome (“*lo maggior corno de la fiamma antica*” (Inf., XXVI, v. 85),<sup>61</sup> mas que ele parece dominar, como fizera com seus inimigos na terra. O herói aqueu triunfou sobre os troianos, mas foi incapaz de ganhar a si mesmo e de se contentar com Ítaca, com o amor do pai, do filho, da esposa Penélope, porque nada “*vincer poter dentro da me l’ardore / ch’i’ebbi a divenir del mondo esperto / e delli vizi umani e del valore*” (Inf., XXVI, vv. 97-99)<sup>62</sup> e lançara-se ao mar com seus homens. E ao chegarem diante das fatídicas colunas, será o ímpeto prometeico desse homem, já ancião e todavia ainda não domado; será sua profunda e mais alta humanidade que o levará a convidar seus homens, fisicamente cansados, a incitá-los à ação: “*O frati’ dissi, ‘che per cento milia / perigli siete giunti all’occidente, / a questa tanto picciola vigilia / de’ nostri sensi ch’è del rimanente, / non vogliate negar l’esperienza / dietro al sol, del mondo sanza gente. / Considerate la vostra semenza: / fatti non foste a viver come bruti, / ma per seguir virtute e conoscenza*” (Inf., XXVI, vv. 112-120).<sup>63</sup> Ulisses empreendeu seu “*folle volo*” (Inf., XXVI, v. 125)<sup>64</sup> impelido apenas pela inteligência e livre arbítrio, por uma infinita sede de liberdade, por sua coragem, por sua vontade de saber e conhecer, porque é “homem face ao Hades, homem apesar do Hades, homem com sua sede de verdade, com seu impulso de busca”.<sup>65</sup> Como Luce assinala:

“O impulso do qual procede seu entusiasmo racionalista não se esgota e é nele ativo e fervilhante. Um acento épico ressoa, com efeito, quando o poeta exalta as conquistas da razão, conquistas humanas e, portanto, nunca definitivas nem perfeitas, que nunca satisfazem plenamente a sede de conhecimento do homem (...) conquistas que estão continuamente incentivadas pela angústia da dúvida, mas que constituem o mais humano do homem, a substância mesma dessa contínua superação que, segundo Dante, está destinada a aquietar-se chegando à perfeição apenas depois da morte, na certeza da experiência definitiva”.<sup>66</sup>

Entre a estudiosa, o poeta e o herói aqueu — seres afins reunidos pela mesma sede de sabedoria — estabelece-se um diálogo íntimo e uma mútua compreensão. Obviamente Luce, como Dante, não pode condenar o “louco voo” de Ulisses. E sua loucura, segundo ela, é muito parecida com a loucura de D. Quixote, criadora e revolucionária, que deve despertar admiração e respeito. Dante exaltou o louco desejo de conhecimento de Ulisses, viu nele a vontade de superar seus próprios limites humanos, a necessidade de ir mais além. E Luce, intelectual racionalista e utopista ao mesmo tempo, celebra a imensa humanidade do poeta e do canto XXVI do Inferno.

“O orgulho de ser, não super-homens, senão homens (coisas tão pequenas com uma potência interior tão grande), encarnado em Ulisses, e a coerência do valor criativo da inteligência humana e da poesia (...) — que vai da íntima exaltação do Canto IV do Inferno até o Paraíso na qual se traduz na nave *‘che cantando varca’*<sup>67</sup> — chegam a se identificar no plano lógico, mas muito mais no plano lírico.”<sup>68</sup>

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

O desafio de Ulisses, e o de Dante, do Dante poeta, do erudito intelectual e não do político militante, é visto por Luce como uma luta causada por um imenso ímpeto ético. E naturalmente a luta ética conduzida no plano intelectual, como bem sabe a pesquisadora, está representada pela dúvida. Criando uma ponte entre sua condição de exilado e o tormento do intelectual angustiado pela dúvida, Luce faz uma reflexão sobre a condição humana. “A angústia do desterro não é só material, e o vagabundear forçado fora de Florença é paralelo ao trabalho febril do pensamento que passa de uma dúvida a outra sem nunca se aplacar. Dante é um lutador e uma alma forte (...) e concebe o processo do pensamento agonisticamente.”<sup>69</sup>

#### 4. Conclusão

“O desejo de cultura se identifica com o desejo de independência”, disse Luce em uma entrevista.<sup>70</sup> Luce, intelectual anarquista intensa e apaixonada, dedicou sua vida à pesquisa e ao conhecimento. Escreveu e deu cursos até o último de seus dias, tratando temas políticos, literários e históricos, sempre com o máximo rigor e infinita paixão. E, nos anos tristes que ela denominou *inexílio*, os anos obscuros da feroz ditadura uruguaia, encontrou em Dante uma metáfora da liberdade, um exemplo para seguir adiante, aconteça o que acontecer, sem estancar-se, porque “a vocação natural do homem [é] de não descansar nunca depois de alcançar um pico, porque sempre há picos mais altos por conquistar. (...) E no esforço de conciliação, cujo fruto é a Comédia, a força épica está mais no ímpeto ascensional do que no gozo da meta alcançada”.<sup>71</sup>

E nestas palavras da pensadora anarquista, no compromisso político em comum, na experiência similar do desterro e em suas intensas paixões intelectuais, o limite que separa o pensamento de Dante do pensamento de Luce é verdadeiramente muito sutil.

Tradução do espanhol por Beatriz Carneiro

## Notas

<sup>1</sup> As últimas levas migratórias ocorreram entre 1905-1914 e 1919-1930, com a imigração gerada pela Primeira Guerra Mundial. A década dos vinte foi a última fase de imigração massiva (...). Os espanhóis, italianos e alemães, nessa ordem, formavam as coletividades mais numerosas” (J. Arteaga. *Uruguay. Breve historia contemporánea*. México, Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 161).

<sup>2</sup> Idem, p. 165.

<sup>3</sup> Luigi Fabbri manteve alta a bandeira do antifascismo anarquista com uma militância ativa. Em Montevidéu, Luigi Fabbri havia formado com Ugo Fedeli, Torquato Gobbi e outros exilados italianos e espanhóis um grupo aguerrido que manteve estreitas relações com grupos intelectuais análogos de Buenos Aires e São Paulo.

<sup>4</sup> Houve uma ampla participação garantida pelo sistema bipartidário, também graças a um modelo de desenvolvimento e de crescimento pouco afetado pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial.

<sup>5</sup> No final dos anos 1960, o sistema político era incapaz de manter o equilíbrio entre classes e interesses contrapostos. Cresceu a distância da pirâmide social entre o topo, controlado pelas elites imobiliárias e os grandes grupos econômicos e financeiros, e sua base popular (trabalhadores, peões agrícolas, técnicos, estudantes universitários), que pedia garantias salariais e a defesa dos serviços sociais e educativos. Houve ondas de greves e protestos: o conflito se moveu para o terreno social e era a expressão da crise do modelo

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

uruguaio. A classe média urbana já não encontrava no Estado um protetor benévolo e paternalista de seus interesses. Em 1968, as medidas de segurança do presidente Pacheco Areco representaram um golpe mortal à democracia uruguaia.

<sup>6</sup> *Studi Sociali* era uma das mais importantes publicações alinhadas contra o nazi-facismo e, em geral, contra todas as formas de totalitarismo no âmbito da imprensa italiana do exílio. Foi publicada até 1946.

<sup>7</sup> Todavia, contrariamente ao que ocorreu nos demais países da América Latina, a intervenção militar se realizou após um longo período denominado “ditadura constitucional”, no qual a progressiva desautorização dos partidos correspondeu à gradual conquista do aparelho estatal por parte das forças armadas. Em 1972, decretou-se o estado de guerra interna, dando ao Executivo poderes ilimitados. Em fevereiro de 1973, formou-se o Conselho de Segurança Nacional (COSENA), que assumiu a direção do país. Isso causou a suspensão dos direitos constitucionais e a dissolução do parlamento. No Uruguai defendeu-se “a institucionalização do processo revolucionário”: o Chefe do Estado civil foi acompanhado pela rápida imissão de cargos militares em todos setores do Estado.

<sup>8</sup> F. Fiorani. *I paesi del Río de la Plata. Argentina, Uruguay e Paraguay in età contemporanea (1865-1990)*. Firenze, Giunti, 1992.

<sup>9</sup> Margareth Rago. *Entre la historia y la libertad*. Montevideo, Editorial Nordan-Comunidad, 2001, p. 155. [Em português: *Entre a História e a Liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, 2001.(N.T.)]

<sup>10</sup> O regime militar deixou Luce Fabbri em paz. Todavia, ela preferiu salvar sua rica biblioteca pessoal, sobretudo o setor de tema político, mandando todo material para o arquivo do Instituto de História Social de Amsterdã, onde se encontra atualmente.

<sup>11</sup> Margareth Rago, 2001, op. cit, pp. 222-223.

<sup>12</sup> Criado em 24 de junho de 1950, no contexto da revalorização da cultura italiana em Montevideú, favorece a difusão da língua e da cultura italiana e desenvolve as relações culturais bilaterais, sob a direção e controle da Embaixada. Responde, portanto, aos fins institucionais com as iniciativas para a difusão das numerosas formas de cultura italiana. Para maior informação sobre as relações entre os italianos e o Uruguai e as respectivas instituições,

conferir D. Ruocco. *L'Uruguay e gli italiani*. Roma, Società Geografica Italiana, 1991.

<sup>13</sup> Luce se aprofundou em numerosos outros autores italianos, além de Dante Alighieri. São lembrados seus ensaios sobre Cecco Angiolieri, Maquiavel, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Parini, Alfieri, Foscolo, Carducci, Pascoli, Silone, Pavese, Montale, Vittorini e Pratolini. Estudou também a crítica literária e a história da literatura italiana.

<sup>14</sup> Nesses mesmos anos, entre 1952 e 1982, ensinou no Instituto de Estudos Superiores, onde dedicou quatro anos à literatura do sumo poeta.

<sup>15</sup> Lembremos as principais publicações de Luce Fabbri sobre Dante Alighieri: “Alegoría y profecía en Dante”, “La poesía del paraíso y la metáfora de la nave”, “Dante, poeta del conocimiento”, “Dante en la poesía comprometida del siglo XIV”, “Dante y el capitalismo medieval”, “Beatriz y Francesca en el infierno”, “Experiencia y razón en Dante”. Cuidou e anotou a edição uruguaia de *A Divina Comédia*.

<sup>16</sup> Stella Mastrangelo afirma que graças a Luce Fabbri aprendeu a ler Dante. Acrescenta ainda que: “*La sua interpretazione si alimentava di rigorosi studi filologici però, al tempo stesso, presentava un'originalità propria; l'originalità di una persona che sa dialogare con il testo, senza intermediari*”. Em C. Albertani. “L'insegnamento di un'anarchica erudita” in Roberto Giulianelli (org.). *Luigi Fabbri. Studi e documenti sull'anarchismo tra Otto e Novecento*. Pisa, BFS, 2005, p. 168. [Em italiano na nota original. Em português: “A sua interpretação alimentava-se de um rigoroso estudo filológico, mas, ao mesmo tempo, apresentava uma originalidade própria, a originalidade de uma pessoa que sabe dialogar com o texto, sem intermediário.” (N.T.)]

<sup>17</sup> Margareth Rago, 2001, op. cit., p. 225.

<sup>18</sup> Luce Fabbri. “Dante, poeta del conocimiento” in *VII Centenario de nacimiento de Dante*, s.n. Montevideo, 1965, p. 25.

<sup>19</sup> Luce Fabbri reconstrói o contexto histórico da era de Dante no ensaio intitulado “Dante y el capitalismo medieval”.

<sup>20</sup> Segundo Dante, a monarquia universal provinha de Deus, mas era independente da Igreja, porque o Império Romano havia nascido antes de Cristo. O imperador, chefe do poder temporal, devia assegurar a paz e a justiça aplicando o direito romano. A Igreja, para Dante, devia levar a humanidade à salvação. Dante fala disso em *Da Monarquia*, livro posto no Index em 1500. Esta condenação será revogada apenas em 1881, pelo Papa Leão XIII.

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

<sup>21</sup> Regeneração (N.T.)

<sup>22</sup> Em italiano no original. Em português: “De ouro e prata é vosso Deus agora;/quem de vós que o idolatra é mais genuíno/ se vós um centro, e ele um só adora?/De quanto mal foi mãe, ó Constantino/não a tua conversão, mas a tua oferenda/que tornou rico o trono papalino”. Dante Alighieri. *A Divina Comédia: Inferno*. Tradução e Notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo, Ed. 34, 1998a, p. 137. (N.T.)

<sup>23</sup> Luce Fabbri. “Dante en la poesia comprometi del siglo XIV” in *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias*, n. 2. Montevideo, 1965, p. 10.

<sup>24</sup> Dante, em 1289, participou da batalha contra os gibelinos de Arezzo, da batalha de Campaldino e do combate de Caprona contra Pisa. Em 1295, entrou no grêmio dos médicos e dos boticários. Florença havia sido devastada por dilacerantes conflitos, por fortes contrastes entre as famílias dos Cerchi (guelfos brancos, mercadores enriquecidos de origem humilde que tinham apoio de ex-gibelinos) e dos Donati (guelfos negros, aristocráticos sustentados pela aristocracia). Em outubro de 1301, Dante foi um dos três embaixadores enviados a Roma para dissuadir ao Papa Bonifácio VIII de mandar Carlos de Valois a Florença como o pacificador entre os guelfos negros e brancos. O Papa deteve Dante e Carlos de Valois entrou em Florença, favoreceu a ascensão dos negros e liberou a represália sobre os brancos. Dante, acusado de cilada, golpe, oposição ao Papa e a Carlos de Valois, e perturbação da ordem pública, foi condenado a uma multa, à interdição penal perpétua e ao confinamento durante dois anos. Considerando injusta a condenação, não pagou a multa e foi condenado à morte. Partiu para o exílio e morreu sem poder voltar a ver Florença.

<sup>25</sup> Ver o parágrafo “Dante hombre en la Comedia”, em Luce Fabbri (apresentação, seleção e notas) *La Divina Comedia de Dante Alighieri*. Montevideo, Universidad de la República, 1994, p. 22. Na *Epístola a Cangrande*, Dante havia declarado expressamente a intencionalidade ética da Comédia, obra destiana à ação. “É claro que o tema deve ser duplo, pois deve ser tomado em dois sentidos. Por isso há que ver, enquanto tema dessa obra, o sentido alegórico, antes do que se compreende ao pé da letra. De fato, o tema da obra interpretada meramente ao pé da letra é o estado das almas depois da morte, simplesmente considerado... Mas se se interpreta a obra alegoricamente, seu tema é o homem, quem está sujeito ao prêmio ou ao castigo da Justiça (divina), segundo seus méritos ou deméritos, em decorrência do livre arbítrio. (...) A parte da filosofia na qual o poema se inscreve é o sistema moral, é por assim dizer, a filosofia ética, por que toda obra fora criada, não para a

especulação, senão para a ação”. Dante Alighieri. *Prose e poesie liriche, vol. V*. Livorno, Epistolario e dissertazione, 1843, pp. 116 e 122. (Luce Fabbri, 1994, op.cit., pp. 27-28)

<sup>26</sup> Luce Fabbri. “Alegoría y profecía en Dante” in *Revista de la Facultad de humanidades y Ciencias*, s.n. Montevideo, 1962, p. 25.

<sup>27</sup> Aristóteles, na Alta Idade Média, era um filósofo pouco considerado, conhecido principalmente pela influência na filosofia neoplatônica e em Boécio. No século XII, por sua vez, a física e a metafísica aristotélica gozaram de uma enorme difusão graças às traduções de Averrois (Dante as chamará “o grande comentário”). Alberto Magno e São Tomás de Aquino elaboraram uma interpretação das teorias aristotélicas e da leitura de Averroé e as adequaram às necessidades dogmáticas da Igreja. Desta forma, o racionalismo entrou na religião e se iniciou a criação de uma oposição entre o tradicional misticismo platonizante agostiniano e um cristianismo fortemente influenciado pela razão. O aristotelismo de Averrois alimentou muitas heresias místicas, como as de Joaquim de Fiore e dos *fraticelli*. Ver: Luce Fabbri. “Experiencia y razón en Dante” in *Estudios humanísticos en memoria de Guido Zannier*. Montevideo, Departamento de Publicações da Universidade da Republica, 1998, pp. 39-48.

<sup>28</sup> Em italiano no original. Em português: “*No meio caminho de nossa vida*” é o primeiro verso da Comédia de Dante, quando ele percebe que se desviou do caminho correto e tenta sair dessa *selva escura*. O poeta latino Virgílio vem em seu socorro a pedido da musa de Dante, Beatriz, que o espera na entrada do Paraíso, e assim ele empreende uma viagem pelo Inferno, Purgatório até chegar ao cume do Paraíso, orientado pela Graça. (N.T.)

<sup>29</sup> Para Aristóteles, justiça, prudência, temperança e coragem são as quatro virtudes necessárias para alcançar a felicidade. Segundo São Tomás, para se obter a salvação, deveria se acrescentar as três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade, que vivem na Graça.

<sup>30</sup> Em italiano no original. Em português: “Mas fui só eu, quando do fero acerto/ unânime, de destruir Florença,/ que defendê-la ousei de rosto aberto”. Dante Alighieri, 1998a, op. cit., p. 82. (N.T.)

<sup>31</sup> Luce Fabbri. 1965, op. cit., p. 17. Dante, na ficção do conto narrativo, ainda não conhecia o futuro que o atingiria.

<sup>32</sup> Em italiano no original. Em português: “Tombar com os bons é pois, digno de mérito”. (N.T.)

<sup>33</sup> Em italiano no original. Em português: “Três mulheres vieram ao redor de meu coração”. (N.T.)

Luce Fabbri, Dante Alighieri e a liberdade

<sup>34</sup> Em italiano no original. Em português: “As almas tristes daqueles que têm vivido sem infâmia e sem louvor”. (N.T.)

<sup>35</sup> Em italiano no original. Em português: “a Deus despreza, e a seus inimigos”. (N.T.)

<sup>36</sup> Em italiano no original. Em português: “de quem a vida lhes foi ausente”. (N.T.)

<sup>37</sup> Em italiano no original. Em português: “Eles não tem esperança de morte,/ e essa cega sua vida é-lhes tão crassa/ que inveja tem de qualquer outra sorte./ Lembrança deles o mundo rechaça;/misericórdia e justiça, os ignora./ Deles não cuide mais, mas olha e passa”. Dante Alighieri, 1998a, op. cit., pp. 38-39. (N.T.)

<sup>38</sup> Luce Fabbri, 1994, op. cit., p. 17.

<sup>39</sup> O escamoteamento da profecia era possível pois Dante havia fixado 1300 como ano de narração de sua viagem ultraterrena, enquanto que começara, de fato, a escrever a Comédia nos anos de exílio (o Inferno em 1306-1307, o Purgatório entre 1309 e 1313 e o Paraíso entre 1316 e 1321). O poeta podia então disfarçar o que havia vivido atrás do poder preditivo das almas: a derrota dos guelfos brancos e seu exílio a seguir.

<sup>40</sup> Luce Fabbri, 1962, op. cit., p. 30.

<sup>41</sup> (Idem) “*Se mai continga che 'l poema sacro / al quale ha posto mano e cielo e terra, / sì che m'ha fatto per più anni macro / vinca la crudeltà che fuor mi serra / del bello ovile ov'io dormì agnello/ nimico ai lupi che li danno guerra; / con altra voce omai, con altro vello / ritornerò poeta, ed in sul fonte / del mio battesimo prenderò 'l cappello*”, Par., XXV, vv. 1-9. [Em italiano na nota original. Em português: “Se acontecer que este sacro poema/ no qual têm posto a mão o Céu e a Terra,/ trazendo-me anos de exaustão extrema,/ vença ainda a versão que me desterra/ do - em que dormi cordeiro - aprisco belo,/ hostil aos lobos que lhe fazem guerra;/ com outra voz enfim, com outro velo,/ como laurel de Poeta irei à fonte/ do meu batismo, por cingido tê-lo”. Dante Alighieri. *A Divina Comédia: Paraíso*. Tradução e Notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo, Ed. 34, 1998b, p. 175. (N.T.)]

<sup>42</sup> Em italiano no original. Em português: “Porque a culpa da gula me danou”. Dante Alighieri, 1998a, op. cit., p. 57. (N.T.)

<sup>43</sup> Em italiano no original. Em português: “Respondeu-me: ‘Após longa dissensão/ irão ao sangue, e à selvagem laia/ a outra expulsará sem com-

paixão./ Sucederá que ela no prazo caia/ de até três sóis e a outra então se assente,/ com o apoio de alguém que já o ensaia./ Erguida terá a fronte longamente mantendo a outra sob ingente peso,/ embora esta se indigne e se lamente./ Dois justos há, porém em desavezo:/ são só a avareza, a inveja e a soberba/ os fogos que mantêm o ânimo aceso”. [Dante Alighieri. *A Divina Comédia: Paraíso*. Tradução e Notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo, Ed. 34, 1998b, p. 175. (N.T.)]

<sup>44</sup> Luce Fabbri. “La poesía del paraíso y la metáfora de la nave” in *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias*, s.n. Montevideo, 1960, p. 10.

<sup>45</sup> Cacciaguida, no canto XVII do Paraíso, predice a Dante que no exílio encontraria abrigo antes na casa de Bartolomeo della Scala, o Escalígero, e depois na casa do irmão menor, Cangrande, senhor de Verona de 1312 a 1329, a quem Dante dedicou o Paraíso.

<sup>46</sup> Em italiano no original. Em português: “De teus mais caros bens a aventura / tu perderás e essa é a flecha fatal/ que, de primeiro, o arco do exílio lança”. Dante Alighieri, 1998b, op. cit., p. 123. (N.T.)

<sup>47</sup> Em italiano no original. Em português: “Tu provarás como tem gosto o sal/ o pão alheio e, descer e subir/a alheia escada é caminho crucial”. Idem. (N.T.)

<sup>48</sup> Luce Fabbri. “El antistilnovismo de Cecco Angiolieri” in *Revista de la Facultad de humanidades y Ciencias*, s.n., 1954, p. 14. Dante voltará mais vezes a esse tema. “*Veramente io sono stato legno sanza vela e sanza governo, portato a diversi porti e foci e liti dal vento secco che vapora la dolorosa povertade*” (Convivio I, III, 3-5). Em italiano no original. Em português: “Verdadeiramente tenho sido madeira sem vela e sem governo, levado a diversos portos, estuários e litígios ao vento seco que recende a dolorosa penúria”. (N.T.)

<sup>49</sup> Em italiano no original. Em português: “E eu, que agora encontro no falar divino, consolo e dispersão da dor, considero uma honra esse exílio que me foi dado”. (N.T.)

<sup>50</sup> Em italiano no original. Em português: ‘O retorno’. “E cada filho que a ti retorna, Itália, sobre aquele barco, na mão uma flor, terá de uma outra terra, sobre os lábios, de uma outra língua uma canção de amor”. Luce Fabbri. *I canti dell’attesa*. Montevideo, Bertani Editore, 1932. (N.T.)

<sup>51</sup> Luce Fabbri, 1965, op. cit., p. 28.

<sup>52</sup> Luce Fabbri, 1960, op. cit., p. 12.

<sup>53</sup> Idem, p. 6.

<sup>54</sup> Luce Fabbri, 1965, op. cit., p. 30.

<sup>55</sup> Em italiano no original. São trechos da primeira estrofe da *Divina Comédia*: “*Nel mezzo del cammin di nostra vita/ mi ritrovai per una selva oscura,/ che la diritta via era smarrita*”. Em português: “A meio caminho de nossa vida/ fui me encontrar em uma selva escura; estava a reta minha via perdida”. Dante Alighieri, 1998a, op. cit., p. 25. (N.T.)

<sup>56</sup> Luce Fabbri, 1998, op. cit., p. 41.

<sup>57</sup> Luce Fabbri, 1960, op. cit., p. 12.

<sup>58</sup> Em italiano no original. Em português: “silogizou insidiosa verdade”. (N.T.)

<sup>59</sup> Luce Fabbri, 1960, op. cit., p. 12.

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> Em italiano no original. Em português: “a ponta maior da chama antiga”. Dante Alighieri, 1998a, op. cit., p. 178.

<sup>62</sup> Em italiano no original. Em português: “em mim puderam vencer o fervor/ que me impelia a conhecer o mundo/ e dos homens o vício e o valor”. Idem.

<sup>63</sup> Em italiano no original. Em português: “‘Ó irmãos’, disse eu, ‘que por cem mil, vencidos/ perigos alcançastes o Ocidente;/ a esta vigília de nossos sentidos, tão breve, que nos é remanescente,/ não queirais recusar esta experiência/ seguindo o Sol, de um mundo vão de gente./ Considerai a vossa procedência:/ não fostes feitos para viver quais brutos,/ Mas pra buscar virtude e sapiência’”. Ibidem, p. 179.

<sup>64</sup> Em italiano no original. Em português: “voo louco”, ou então, “voo ousado”. (N.T.)

<sup>65</sup> Luce Fabbri, 1965, op. cit., p. 34.

<sup>66</sup> Idem, p. 31.

<sup>67</sup> Em italiano no original. “que cantando passa”. (N.T.)

<sup>68</sup> Luce Fabbri, 1965, op. cit., p. 16.

<sup>69</sup> Idem, p. 19.

<sup>70</sup> Margareth Rago, 2001, op. cit., p. 127.

<sup>71</sup> Luce Fabbri, 1960, op. cit., p. 47.

*Resumo*

*Luce Fabbri, filha do anarquista Luigi Fabbri, exilou-se com a família no Uruguai durante o regime fascista na Itália. Deixou de considerar-se uma exilada quando, mesmo com a queda do facismo italiano, decidiu permanecer no Uruguai. Diante da ditadura que se vê instaurar no país que a acolhera, Luce resolve ficar e lutar. Dante Alighieri também fora um exilado político e intelectual militante. Neste encontro, Luce faz do trabalho sobre A Divina Comédia um meio de enfrentamento político.*

*palavras-chave: Luce Fabbri, Dante Alighieri, exílio.*

*Abstract*

*Luce Fabbri, daughter of the anarchist Luigi Fabbri, went into exile with her family in Uruguay during the fascist regime in Italy. She stopped seeing herself as an exiled when, despite the fall of Italian fascism, she decided to stay in Uruguay. When the dictatorship was established in the country that welcomed her, Luce decided to stay and fight. Dante Alighieri was also a political exiled and an intellectual militant. In this meeting, Luce turns her work about The Divine Comedy as a way of political confrontation.*

*keywords: Luce Fabbri, Dante Alighieri, exile.*

*Recebido para publicação em 4 de abril de 2009. Confirmado em 10 de junho de 2010.*